



Luis Russo

Psicólogo, psicoterapeuta, psicodramatista
didata supervisor, psicoterapeuta familiar em
transtornos do humor

II - QUEM SOBREVIVERÁ? FUNDAMENTOS DA SOCIOMETRIA, DA PSICOTERAPIA DE GRUPO E DO SOCIODRAMA

J. L. MORENO
EDIÇÃO DO ESTUDANTE
SÃO PAULO: DAIMON, 2008
TRADUÇÃO DE MOYSÉS AGUIAR

Escrever uma resenha – descrição pormenorizada, relatar minuciosamente, enumerar por partes – passa necessariamente pelo viés da subjetividade de quem escreve. No caso, efetuar a resenha de um livro tão minucioso em seus detalhes, que apresenta diferenças sutis nas versões anteriormente lançadas, pode aumentar esse viés. Assim sendo, pensei em adotar os seguintes critérios - que, pelo menos para mim, ajudam a compreender melhor o texto em questão, espero que seja útil a outros que leiam esta resenha:

Discorrer sobre a origem dessa edição do estudante e suas fontes originárias;

Descrever as partes que o livro contém, citando qual o tema geral e os subtemas - que identifiquei segundo minha compreensão - contidos em cada parte do livro;

Mostrar as diferenças que encontrei – pelo menos as que mais me chamaram a atenção! - quanto ao conteúdo do livro que é objeto dessa resenha, contrastando com as versões anteriores: *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*, Moreno, J. L., *Goiânia: Dimensão*, 1992; com tradução de Alessandra Rodrigues de Faria, Denise Lopes Rodrigues, Márcia Amaral Kafuri e revisão técnica de Geraldo Amaral e Paulo Maurício de Oliveira; e *Fundamentos de la sociometria*, Moreno, J. L., *Paidós, Buenos Aires*, 2ª. edición, 1972, cujo título original em inglês é *Who shall survive?*, Moreno, J. L., *Beacon House Inc., Beacon NY. USA*, 1934, 1953, 1978; que também deu origem à versão



francesa *Fondements de la sociométrie*, Moreno J. L., *Presses Universitaires de France, Paris, 1954*; que não são a versão do estudante – com a qual tive a oportunidade de ter um contato mais aprofundado, quando participei do grupo de estudos sobre Moreno à luz da atualidade, o *GEM, no Daimon, sob a coordenação de J.Fonseca Fo., Wilson Castello de Almeida e Antonio Carlos Cesarino, professores, colegas e amigos a quem também expressei aqui minha gratidão, carinho e admiração*.

A edição do estudante é composta por: um sumário, uma introdução e capítulos denominados livros I, III, IV, V e VI, bem como o índice dos sociogramas. O livro II, que discorre sobre *“A evolução dos grupos”*, que trata dos níveis e períodos do desenvolvimento dos grupos, bem como dos tipos de diagramas sociométricos, não foi colocado nesta edição; porém, no final do livro VI (da edição do estudante), são citadas as hipóteses referentes ao Livro II, p. 358.

É importante citar, aqui, que as ideias de Moreno, contidas no Livro II, foram didaticamente trabalhadas por Anna Maria Knobel no texto *Estratégias de Direção Grupal* (Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 4, fascículo I, ano 1996, e no livro *Psicoterapia da Relação*, de J. Fonseca Fo. (Editora Ágora, São Paulo, 2000).

Cotejando o conteúdo das edições anteriores em português e espanhol com a presente edição, temos o seguinte (pelo menos o que consegui captar):

- . a edição brasileira (Goiânia) contém os *prelúdios do movimento sociométrico*, o qual não é citado na edição em espanhol (Argentina) como também na edição do estudante;

- . o tema *sociopsicopatologia dos grupos*, do Livro III, em que Moreno compara a visão psicanalítica de Édipo com uma visão que ele denominou *“análise de inter-relação”*, em que seria possível uma representação do drama edípico a partir da análise de todas as interações envolvidas, é encontrado na edição brasileira (Goiânia), p. 233, e na edição em espanhol (Argentina), p. 255; não consta na edição do estudante;

- . o tema *a conduta*, do Livro III, em que Moreno faz referência ao conceito de *“lugar psicológico”*, que se refere ao sentimento – de um ou mais membros do grupo – de pertencimento ao grupo, consta da edição brasileira (Goiânia), p. 239, e da edição em espanhol (Argentina), p. 260; não consta na edição do estudante;

- . o tema *as motivações*, do Livro III, no qual Moreno compara motivações de simpatia e antipatia, de uma ou várias pessoas, resultantes de contatos pessoais, com as motivações baseadas em um conhecimento simbólico – *“rumores ou fantasias do espírito”* –, constam da edição brasileira (Goiânia), p. 193, e da edição em espanhol (Argentina), p. 221; não constam na edição do estudante;

- . o tema *interação social*, do Livro III, em que Moreno discute estados afetivos como medo, cólera ou amizade com estados de espontaneidade, bem como *“ansiedade e o momento”* e suas relações com a espontaneidade, constam da edição brasileira (Goiânia), p. 197, e da edição em espanhol (Argentina), p. 225; não constam na edição do estudante;

- . os temas *o mito da destinação, sociometria da construção inicial, socio-*

metria da reconstrução e sociometria e a evolução social, que tratam mais basicamente de fórmulas e testes, constam na edição em espanhol (Argentina) e na edição brasileira (Goiânia); não constam na edição do estudante;

o *glossário*, contendo uma “seleção de termos sociométricos, termos sociométricos correntes criados pelo autor, termos sociométricos introduzidos por outros autores, bem como veículos e criações gráficas introduzidas pelo autor”, constam na edição do estudante e na edição brasileira (Goiânia); não constam na edição em espanhol (Argentina).

Na *nota do tradutor* da presente obra, Moysés Aguiar enfatiza dois aspectos que chamam a atenção:

“... Outra surpresa interessante foi constatar, no contato com esta obra, o quanto Moreno faz uso das próprias reservas ao produzir uma nova criação. Tal recurso é evidente em outros livros, como o primeiro Moreno a ser publicado no Brasil, Psicodrama, edição da Cultrix, uma antologia de artigos esparsos, escritos em momentos diferentes articulados tematicamente e com uma costura ad hoc. Em Quem sobreviverá? repete-se a mesma estratégia autoral, com aproveitamento de escritos anteriores de origem não identificada, porém disfarçados e aplainados com maior destreza artístico literária”.

“... Um das duas ou três vezes, entretanto, fui “perguntar aos meus colegas” que traduziram para o espanhol o que eles haviam entendido. Surpresas. A primeira é que traduziram Fundamentos de la sociometria é menos completo do que esta edição para estudantes. Dei por falta de vários trechos – e a comparação foi apenas pontual e casual. A segunda é que a versão castelhana é muito mais ‘livre’ do que aquela que eu me propunha,...”.

Moreno de fato se repete em alguns pontos de suas obras, o que não compromete a importância de seu conteúdo, pois a cada vez que o lemos novamente, com calma, de forma circular, interligando ideias e conceitos que não têm sentido se vistos isoladamente, contrastando com o momento histórico em que ele viveu, as pessoas com quem conviveu, as dificuldades que enfrentou, encontraremos sempre uma nova pérola, como dizia Ronaldo Pamplona no tempo em que fomos colegas no grupo de estudos de que participávamos sobre Moreno, o *GEM/DAIMON*.

No prefácio à edição brasileira, Anna Maria Knobel ressalta a importância das contribuições pioneiras de Moreno: *“... Um dos movimentos mais criativos e profícuos dos métodos de investigação nas ciências sociais e á pesquisa/ação...”*; e continua mais à frente:

“... Moreno propõe exatamente isso no final do livro I, ao apresentar o que é o experimento sociométrico: ‘Um estudo sociométrico caracteriza-se como experimento quando todas as situações investigadas [...] são criadas por toda uma comunidade de cidadãos-investigadores, sendo cada cidadão, e cada investigador um membro da comunidade’.

A condição de observador participante dá ao investigador o *status* de membro do grupo, que influencia e é influenciado pelas intervenções do grupo, percepções fundamentais de Moreno, que valem até hoje.

Moreno, como todo gênio, era um homem antenado aos movimentos da humanidade através da história: anteviu a importância da psicoterapia de grupo, deu contribuições pioneiras para o tratamento psicoterápico de casais e famílias, foi o criador da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo, a IAGP, que congrega profissionais de diferentes correntes teóricas, que trabalham em diferentes ramos que contemplam o manejo de grupos, a saber: psicoterapia de grupo, psicoterapia sistêmica de casais e famílias, psicanálise e grupanálise etc.; lidou também de forma pioneira com um dos mais duros tipos de exclusão: a doença mental, geradora da mais terrível forma de solidão enfrentada por um ser humano, quando apresenta sintomas psicóticos: o delírio e a alucinação; e que, segundo Stela Fava, também colega do grupo de estudos sobre as obras de Moreno à época, no *GEM/DAIMON*, trabalhar com os excluídos impede a barbárie e as guerras, no caso do doente mental, lida-se, e sempre que possível, impede-se a barbárie nas relações interpessoais do doente, em sua família e etc.; e tantas outras contribuições que Moreno deu que agora me escapam à memória.

O título original do livro é *Who Shall Survive? Foundations of Sociometry, Group Psychotherapy and Sociodrama – Student Edition, First Student Edition – Based on Second Edition 1953 Copyright 1993 by American Society of Group Psychotherapy & Psychodrama*; foi organizado por Ann Hale – Presidente da American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama. Em 1973, Moreno, em suas conversas com ela (Ann Hale), manifestou a intenção de preparar uma nova edição de *Who shall survive?* com textos especialmente selecionados para o estudante. Com o agravamento da sua saúde, no início de 1974, o projeto ficou estacionado, mas Ann Hale guardou consigo todas as anotações que fez das conversas que manteve com Moreno no período, o que resultou numa versão de 300 páginas (447, para ser mais exato, levando-se em conta o conteúdo das seções intituladas Livro V, Livro VI, Agradecimentos, Glossário, Apêndice e Bibliografia).

Na Introdução à edição do estudante, dr. Paul Hare, da Universidade Ben Gurion, Israel, autor do livro *Small Group, an introduction*, ressalta alguns pontos que conectam esta edição te com diferentes momentos da vida de Moreno em Viena, com o teatro da espontaneidade, com o campo de refugiados da Áustria, sua emigração para os Estados Unidos, a fundação da Revista *Sociometry*, o Instituto Sociométrico e o Teatro de Psicodrama de Nova York. Fala sobre a presença de sociometristas no corpo técnico de muitas escolas públicas nos Estados Unidos, e sobre o conteúdo desta edição do estudante, tratando basicamente das atrações e repulsões entre os membros dos grupos sociais, assim como a utilização do treinamento da espontaneidade como forma de preparar os indivíduos para funcionarem em situações novas. Enfatiza principalmente, a meu ver que Jonathan Moreno (1992) *observou que os seguidores de seu pai manifestam uma tendência a valorizar mais a ação do que a teoria*. Tal cons-

tatação tem a importância de alertar para a necessidade dos estudantes de Psicodrama fundamentarem sua prática num corpo teórico sólido, não valorizando a ação somente pela ação em si.

No Prefácio à primeira edição, temos os comentários do dr. William Alanson White, famoso médico norteamericano, o qual foi uma figura fundamental para a entrada de Moreno no universo médico/psiquiátrico e psicoterápico dos Estados Unidos; não só de Moreno, mas de muitos outros nomes importantes no campo das psicoterapias, como Erich Fromm, Fritz Perls etc. Seu papel como diretor do St. Elizabeth Hospital, em Washington D. C., nos anos de 1930, sempre procurou agregar o estudo do desenvolvimento do ser humano e seus problemas correlacionados, estimulando a participação de jovens psiquiatras com novas ideias no campo psicoterápico.

Em 1932, no evento da Associação Psiquiátrica Americana, conhecido como Simpósio da Filadélfia, o dr. White presidiu uma das mesas mais concorridas, na qual Moreno apresentou o seu "Um colóquio terapêutico", em que o termo "Psicoterapia de grupo" – cunhado por Moreno – foi oficializado pelo dr. White nos seguintes termos: "...forma de tratamento do grupo como um todo, como cada um de seus membros através da mediação do grupo".

Em seus comentários à edição do estudante, o dr. White destaca que quanto à importância do livro em questão "...não se deve esperar encontrar, no conteúdo deste livro, a sociedade ou os grupos sociais nele mencionados como se fossem constituídos da soma dos indivíduos que os compõem", ressaltando os seguintes pontos que considero centrais em sua fala e que expressam objetivamente do que trata este livro; a saber:

"... onde quer que duas ou mais pessoas funcionem como um grupo social, este não consiste somente desses indivíduos, mas também das relações que mantêm entre si".

"... o livro do dr. Moreno pode ser caracterizado, em poucas palavras, como um estudo dessas relações entre indivíduos".

"... todos nós, não somente no trabalho, mas também na vida diária, sempre classificamos as pessoas de acordo com um critério ou outro".

"... o dr. Moreno desenvolve uma técnica de classificação que procura, entre outras coisas, reunir pessoas que possam desenvolver relações interpessoais harmoniosas entre si, de modo que se crie um grupo social provido de condições de funcionar com o máximo de eficiência e com o mínimo de destrutividade".

"... pode-se pensar, convenientemente, todo o problema dos entrecruzamentos emocionais que fluem entre as pessoas, como sinalização positiva ou negativa, em se tratando de distribuição de energias".

"... por um lado, ele menciona, por exemplo, o assim chamado volume de expansividade emocional de um indivíduo, do qual depende o número de pessoas que ele conhece num dado momento, o volume de conhecidos, ou, quando expresso em número de pessoas, a expansão social, a qual, em algum momento parece ser mais claramente limitada para um determinado indivíduo".

“... da mesma forma, é possível incluir outro grupo entre os membros de um grupo mais ou menos homogêneo, mas a constatação é de que é possível assimilar até certo número de integrantes”.

“... em certos indivíduos com determinadas características de personalidade, por mero acaso acabam participando de um grupo que funciona de modo especialmente desvantajoso para eles, em vista dessas suas características”.

“... de modo geral, o mesmo princípio aplica-se a qualquer situação em que uma pessoa tem um tipo de personalidade que requer determinados tipos de pessoas, por meio das quais suas emoções poderiam encontrar uma forma adequada de expressão”.

“... entretanto, se o problema puder ser examinado em todas as suas ramificações, se o indivíduo puder ser suficientemente compreendido em suas necessidades de expressão, se for possível identificar as características dos outros indivíduos que, por assim dizer, precisariam complementá-lo, seria então teoricamente possível colocar esse indivíduo num meio humano em que ele tivesse condições de integrar-se e crescer, tornando-se não apenas socialmente aceitável e útil, mas também uma pessoa relativamente feliz”.

No Prefácio à terceira edição, o ponto central frisado por Moreno é que *“... As constatações a respeito de pequenos grupos podem não ser diretamente aplicáveis a grupos maiores e a grupos de diferentes tipos”*. Podemos pensar aqui nas diferenças que regem o funcionamento de um pequeno grupo social quando comparado com uma grande massa de indivíduos regidos por convicções político-partidárias. As leis e/ou regras de funcionamento são diferentes; e que – conforme Wilson Castello de Almeida já enfatizou em seus escritos – a efetiva contribuição de Moreno foi no que tange mais expressivamente ao trabalho com o pequeno grupo social.

Na Introdução, encontramos dois subtítulos denominados A unidade orgânica e social da humanidade e A seleção natural no âmbito da sociometria.

Na primeira parte, Moreno, ao relevar que o objetivo de um procedimento terapêutico deve ser para toda a humanidade, considerou – mesmo sem ter provas definitivas – que a humanidade como uma unidade social e orgânica, em seus estágios mais primitivos, teria um nível predominantemente psicoorgânico, que precedeu ao nível psicossocial atual, e tal fato deve ser levado em conta na criação de um novo procedimento terapêutico, pois estaria em acordo com as leis de desenvolvimento humano.

A partir daí, Moreno levanta a hipótese de criar um procedimento terapêutico não baseado na modificação do indivíduo, nem de restaurá-lo para uma suposta normalidade, segundo suas próprias palavras:

“... Estamos desenvolvendo um método terapêutico que mantém as pessoas num estado de não sublimação, ou seja, num nível tão próximo quanto possível de seu crescimento natural e tão livre da doutri-

nação quanto possível. Tal método baseia-se nas afinidades entre as pessoas e nos padrões resultantes de suas interações espontâneas, padrões esses utilizados como guia para classificação, para a construção e, quando necessário, para a reconstrução dos agrupamentos”.

Na segunda parte, quando Moreno leva o leitor a refletir sobre a possibilidade de criação de uma comunidade onde todos os seus membros sejam participantes ativos – que influenciam e são influenciados uns pelos outros concomitantemente - na formação e desenvolvimento da mesma, bem como no enfrentamento e resolução de seus problemas, identifica que “... ao deixar livres todos os indivíduos e grupos, em busca de sua própria felicidade, identificamos a origem das diferentes correntes psicológicas que perpassam os membros da comunidade e dividem-se em diferentes subgrupos, ... diante do choque das forças espontâneas, repensamos a questão da liberdade”.

LIVRO I

Moreno discorre sobre os seguintes temas, que coloquei na forma de aforismos e/ou sentenças, porque, devido à intensidade e ao volume dos assuntos, tal forma pode facilitar um pouco mais o contato com o volume do conteúdo trazido:

Há uma relação existente entre espontaneidade (energia não conservável), criatividade e conserva cultural, e boa parte da psicopatologia e da sociopatologia humanas são devidas ao insuficiente desenvolvimento da espontaneidade, sendo que o método sociométrico permite a integração dos métodos de pesquisa científica qualitativo e quantitativo;

o mapeamento de uma comunidade e suas inter-relações (entre seus habitantes) determina o conceito de geografia sociométrica da comunidade quando visualiza-se através de sociogramas e mapas do local onde um experimento sociométrico é realizado, é possível identificar o caminho da doença, ou onde os maiores problemas se focalizam;

a contribuição sociométrica está no aspecto de poder tornar conhecida a estrutura social dos pequenos grupos, onde as pessoas vivem e se relacionam, através do sistema sociométrico de pesquisa atração-rejeição-neutralidade;

recursos como criatividade e espontaneidade pertencem ao universo, e não a determinados seguimentos sociais;

para se estudarem as relações humanas através do método científico, o organismo individual deve ser transformado em ator *in situ*, e o pesquisador, para melhor observar todos os coatores, deve tornar-se membro do grupo;

a linha divisória entre a metodologia sociométrica e a não sociométrica, são as relações bidirecionais através de papéis em contraposição às relações unidirecionais, citando a psicanálise como exemplo de uma metodologia não sociométrica;

o conceito de átomo social é o padrão pelo qual é possível identificar a fronteira entre o indivíduo e o grupo através da pesquisa do conjunto de atrações, rejeições e indiferenças emitidas e sofridas pelo indivíduo;

o conceito de átomo cultural é a menor unidade cultural dentro de um padrão cultural, que envolve papéis e relações entre papéis;

o conceito de papel envolve os aspectos tangíveis do que se conhece como ego;

o surgimento do papel é anterior ao surgimento do *self*, sendo que os papéis não emergem do *self*, mas o *self* emerge dos papéis;

não se confirma a hipótese quanto à gênese do papel e da linguagem coincidirem. Muito antes de surgirem os papéis ligados à linguagem, no mundo da criança, já operam efetivamente os papéis psicossomáticos;

não há motivo para supor que as áreas sem linguagem sejam *não humanas*, há considerável evidência de que essas áreas silenciosas coexistem com as vocais;

o fenômeno *tele* opera em todas as dimensões da comunicação e é um equívoco reduzi-lo a mero reflexo ou a mera correspondência no processo de comunicação via linguagem;

o termo papel teve origem no teatro (legítimo);

o *role playing* pode ser considerado um procedimento experimental, um modo de aprender a desempenhar papéis mais adequadamente;

o conceito de tricotomia social diferencia o universo (social) em três tendências ou dimensões: a sociedade externa, a matriz sociométrica e a realidade social;

o conceito de sociedade externa engloba todos os grupamentos tangíveis e visíveis que integram a sociedade humana;

o conceito de *matriz sociométrica* refere-se a todas as estruturas sociométricas invisíveis ao olhar macroscópico, que se tornam visíveis através da análise sociométrica. Consiste de várias constelações: *tele*, átomo, superátomo ou molécula (diversos átomos ligados entre si), o *socioide* (um feixe de átomos ligado a outros feixes de átomos por meio de cadeias ou de redes interpessoais) é o correspondente sociométrico da estrutura externa de um grupo social;

o conceito de realidade social é a síntese dinâmica e a interpenetração dos conceitos de sociedade externa e matriz sociométrica;

ao se conhecer a estrutura externa da sociedade oficial e a matriz sociométrica, é possível reconhecer as partes e os fragmentos que integram cada uma das duas dimensões, nas formas sintéticas da realidade social;

psicodrama é a ciência que explora a verdade por meio de métodos dramáticos, e que lida com relações interpessoais e com mundos privados. Vale-se de cinco instrumentos: o palco, sujeito ou ator, diretor, equipe de ajudantes terapêuticos ou egos auxiliares e o público (sendo que cada instrumento tem uma função específica);

o princípio teórico do psicodrama é o fato de o diretor agir diretamente sobre o nível da espontaneidade do sujeito, em que chamar de inconsciente a espontaneidade faz pouca diferença;

um equívoco é pensar que o psicodrama requer um espaço teatral, ele se faz *in situ*, o palco está dentro de nós;

sociodrama: um método profundo de ação que aborda as relações intergrupais e as ideologias coletivas;

em uma sessão de psicodrama, a atenção do diretor e de sua equipe

centra-se no indivíduo e em seus problemas pessoais;

o verdadeiro objeto do sociodrama é o grupo, que não se limita a um número especial de indivíduos, podendo consistir de todas as pessoas que vivem num determinado lugar;

no psicodrama, a catarse é pessoal, e no sociodrama, a catarse é social;

o homem é um desempenhador de papéis, cada indivíduo é caracterizado por um conjunto de papéis que preside seu comportamento, e cada cultura caracteriza-se por um determinado conjunto de papéis imposto por ela a seus membros;

psicoterapia de grupo muda o lócus da doença do indivíduo para as relações interpessoais no grupo, que anteriormente (em Psiquiatria) era no indivíduo. Aqui se inclui a situação grupal (na qual o indivíduo se relaciona), que requer diagnóstico e tratamentos especiais. Apresenta três princípios básicos: o sujeito (da psicoterapia), o agente e o meio terapêutico, que podem ser utilizados como pontos de referência para a construção de uma tabela que mostre as diferenças entre as categorias básicas das diferentes modalidades de psicoterapia de grupo;

o instrumento que mede a organização dos grupos é o teste sociométrico, que tem a possibilidade de revelar: a diferença entre a estrutura psicológica subjacente de um grupo de suas manifestações sociais;

as estruturas grupais variam de acordo com a faixa etária de seus membros (diferentes critérios podem levar as mesmas pessoas a formar tanto agrupamentos diferentes como iguais);

se fosse possível, as pessoas se agrupariam de modo diferente porque a função que os indivíduos desempenham ou querem desempenhar em grupamentos espontâneos influenciam o comportamento de cada indivíduo em particular e sobre o grupo como um todo;

há uma diferença entre as relações que se escolhe ter e as relações reais;

não é possível estudar a organização de um grupo, caso não sejam incluídos todos os indivíduos e grupos relacionados;

o grupo precisa ser cuidadosamente preparado antes de receber a administração do teste sociométrico;

as fontes de resistência à aplicação do teste sociométrico são: o medo que a pessoa tem de conhecer sua posição dentro do grupo e o medo de tornar explícito de quem o indivíduo gosta e de quem não gosta, assim como a posição que o indivíduo realmente quer e precisa ter dentro do grupo;

a resistência (à aplicação do teste) é produzida pela situação extrapesoal do indivíduo, por sua posição no grupo, que não resulta apenas de seu caráter, mas, em especial, como ele é sentido pelas pessoas com quem se relaciona;

a correta aplicação do teste sociométrico ocorre quando se procuram identificar os sentimentos dos indivíduos (um para o outro), tomando-se um mesmo critério como referência;

o sociometrista é o observador participante, participa com sua subjetividade, que é objetivada através do procedimento psicodramático, no contexto experimental do teatro terapêutico, no qual – o pesquisador – se torna ego auxiliar;

o caráter dialético da sociometria denota que, se uma população tem baixa consciência sociométrica, a diferença entre suas propriedades psicológicas e sociais não faz sentido (para a população em si);

em uma sociedade sociometricamente planejada, a sociometria baseia-se no princípio do individualismo, e dá expressão (desse individualismo) até sua versão mais extremada;

no escopo da investigação sociométrica encontra-se a relação entre o efeito sociodinâmico - muito amor para poucos e pouco amor para muitos! - e a administração de bens;

por meio de conceitos como separação e saturação racial, as populações etnicamente diversas podem distribuir-se dentro de cada área geográfica sem a necessidade de recorrer à migração forçada;

um simples teste sociométrico pode tornar-se uma categoria revolucionária de investigação, uma vez que ele mobiliza o grupo a partir de seu interior, de forma que se produza uma revolução social em escala microscópica;

para transformar o universo social, os experimentos sociais devem ser planejados de forma que possam produzir mudança, e, para que isso aconteça, as pessoas devem ser incluídas na operação;

o teste de população, o sociodrama, os métodos de choque social e psicodramático podem tornar-se instrumentos científicos de ação social, preventivos ou antídotos contra o hipnotismo e a persuasão das massas de sistemas puramente políticos;

a sociometria é o instrumento por meio do qual podem ser exploradas a verdade social, a verdade a respeito dos conflitos e da estrutura social, de modo que se transacione a mudança social por meio de métodos psicodramáticos e sociodramáticos;

para a preparação de experimentos de mudança social verdadeiramente genuínos, deve-se levar em conta a categoria do momento;

a patologia e a terapia de grupos normais têm sido desprezadas, mas é delas que depende a saúde social da humanidade;

as fronteiras da psiquiatria nunca foram claramente demarcadas, seu quadro referencial tem sido a cura mental de um organismo isolado, trata do soma e da psique individuais;

a sociatria trata das síndromes patológicas da sociedade normal, de indivíduos e grupos que se inter-relacionam;

diante dessas mudanças na pesquisa e na operação terapêutica, o quadro de referência dos conceitos psicanalíticos – sexualidade, inconsciente, transferência, resistência, sublimação – foi substituído por um novo conjunto de conceitos psicodramáticos e sociodinâmicos – a espontaneidade, o aquecimento, a tele, a dinâmica das interações e a criatividade;

é importante diferenciar, em sociometria, o experimento de grande escala (conceitualmente próximo da utopia, mas que não deve ser esquecido em nossas tarefas sociométricas cotidianas mais práticas) do de pequena escala (o pequeno grupo social, com suas limitações avanços).

LIVRO III

Moreno inicia esta parte fazendo uma correlação com os procedimentos adotados em sociogramas e em testes sociométricos, sinalizando o que define por linha vermelha (ou flecha), identificando uma escolha do indivíduo (atração), a qual corresponderia, na mitologia grega, ao deus eros, ou deus do amor; o que define por linha preta (ou flecha), como sinal identificando uma rejeição por parte do indivíduo, a qual corresponderia a Eris, ou o deus da discórdia; e uma uma linha (ou flecha) contendo vermelhos mútuos, corresponderia a Antero ou deus do amor mútuo. Em seguida, são explicados de forma detalhada o que significam pares, cadeias, triângulos, quadrados, círculos e estrelas contendo as linhas vermelha, preta, a combinação de vermelho com vermelho e vermelho com preto.

Dentro do subtema Estruturas grupais típicas, Moreno explana sobre diferentes formas de isolamento de um indivíduo em um grupo sociometricamente estudado, com os seguintes exemplos: isolamento simples (isolamento dentro do grupo e na comunidade institucional); quando o indivíduo escolhe outros de fora de seu grupo, mas não é escolhido por eles nem por ninguém de seu grupo; o sujeito escolhido por indivíduos de fora de seu grupo, mas aqueles que ele escolhe não são os que o escolheram; o indivíduo escolhe somente pessoas de dentro de seu grupo, mas estes são indiferentes com ele; triângulo isolado, três indivíduos se escolhem mutuamente, mas cada um recebe linhas pretas (de rejeição) do grupo; cinco indivíduos, todos isolados, rejeitam um ou outro desses cinco; dupla isolada, uma dupla compatível que não é escolhida pelo grupo; isolado, que rejeita e é rejeitado.

No subtema Organização do átomo social, são explanadas, em quatro figuras, diferentes formas de atrações e rejeições de indivíduos.

Ao abordar diferenças entre grupos laborais e residenciais, Moreno nos mostra que a organização de um grupo, quando extrovertida (quando mais de 50% das escolhas ou não são utilizadas ou contemplam indivíduos de fora do grupo), pode dar margem a importantes disfunções em um grupo residencial, fato que não ocorre em grupos laborais. É falado aqui, em uma passagem rápida, da lei sociogenética, em que os grupos sociais desenvolvem-se por meio de um processo de diferenciação, de unidades mais simples para unidades mais complexas.

Ao tratar do subtema Conjunto de sociogramas, são mostradas dezoito estruturas de sociogramas, onde são definidos critérios de escolhas, classificação grupal (se é extrovertida ou introvertida – quando mais de 50% das escolhas vão para pessoas do próprio grupo), e notas para o psicoterapeuta de grupo (possibilidades de encaminhamento do trabalho com o grupo).

No subtema Microscopia social, devido às ideias e aos conceitos contidos, considere aqui também, como no Livro I, mais relevante colocar os assuntos em forma de aforismos, sentenças ou perguntas, como relato a seguir:

nenhuma outra instituição social é mais responsável pela sociabilidade humana, e pela formação de sua expansividade emocional; ou seja, de quantos indivíduos uma pessoa consegue dar conta, como, por exemplo:

um o médico que pode proporcionar um bom atendimento a dez pacientes, durante três horas de trabalho, se esse número aumenta, para doze ou quinze, sua expansividade emocional começa a declinar, vem a fadiga, e seu raciocínio torna-se pobre;

o grupo familiar é responsável por moldar a expansividade do interesse emocional, não apenas em qualidade mas também em quantidade ;

por que a expansividade emocional de algumas pessoas é maior do que a de outras?

a expansividade emocional aumentada significa aumento da espontaneidade?

expansividade reduzida acompanha espontaneidade diminuída?

é desejável treinar novamente a espontaneidade social do homem?

será que a sociedade futura desenvolverá uma espécie de homem cuja espontaneidade será infinitamente maior que a nossa?

o teste de expansividade emocional mede a energia emocional de um indivíduo, energia que lhe possibilita manter o afeto de outros indivíduos durante certo tempo;

a expansividade emocional relaciona-se mais diretamente com o comportamento e com a ação do que com o mais abrangente teste sociométrico, não importa aqui quantos são escolhidos, mas quantas pessoas um indivíduo consegue sustentar e satisfazer em suas necessidades imediatas;

na análise sociométrica do comportamento, a expansividade emocional situa-se entre o teste sociométrico e o teste de espontaneidade;

a expansividade emocional pode ser treinada;

o teste de conhecidos quantifica a expansão social de um indivíduo, o montante de seus contatos sociais (expansividade social);

a menor unidade social viva - o átomo social, que pode ser examinado por dois pontos de vista: do indivíduo em direção à comunidade e da comunidade em direção ao indivíduo;

o átomo social ilustra, de modo dramático, que vivemos num mundo ambíguo, meio real, meio ficção, que raramente vivemos com as pessoas com quem gostaríamos de viver, que trabalhamos com pessoas que não escolhemos, que isolamos e rejeitamos pessoas de quem mais necessitamos, e que jogamos fora nossa vida com pessoas e princípios equivocados; empatia: percepção de mão única;

transferência (segundo Freud): projeção inconsciente de experiências imaginárias na pessoa do médico, ou psicoterapeuta;

nem a empatia, nem a transferência poderiam explicar satisfatoriamente a coesão decorrente de uma configuração social ou a experiência do "duplo" na situação psicodramática; a hipótese, de Moreno então, foi de que a empatia e a transferência são partes de um processo mais elementar e mais inclusivo – a tele (cujo significado inclui a reciprocidade, sendo a mais simples unidade de sentimento transmitida de um indivíduo a outro);

antes do advento da sociometria, todas as pesquisas pareciam indicar que os elementos essenciais da existência localizavam-se nos organismos individuais e poderiam ser reconhecidos somente no plano do indivíduo;

existe, porém, uma área especial que fica fora do organismo – uma área entre organismos – na qual se encontrou uma nova perspectiva;

redes: são o cadinho da opinião pública;

o mapeamento psicogeográfico da comunidade mostra, em primeiro lugar, a relação entre a geografia local e os processos psicológicos, em segundo lugar, a comunidade como um todo psicológico e as inter-relações entre suas partes;

a tendência de os indivíduos por inflectirem (inclinarem-se para) linhas grupais, como se fossem misteriosamente puxados por certas correntes psicológicas, que não são casuais, e relaciona-se com estruturas mais ou menos permanentes, que agregam os indivíduos a linhas complexas de transporte e comunicação, redes;

de acordo com o princípio da formação dos átomos sociais, cada indivíduo relaciona-se com certo número de indivíduos, a maioria dos membros de sua comunidade é deixada de lado, não há tele que se relacione com ele, essa é a causa sociodinâmica das redes.

Como última parte do Livro III, Moreno apresenta *projetos de pesquisa para leitores de sociogramas*, exemplificando situações que correspondam à análise quantitativa e estrutural de sociogramas, subsídios para a psicoterapia de grupo, psicodrama, jogo de papéis e sociodrama, índices sociométricos, coesão grupal sociométrica e fundamentos estatísticos da sociometria.

LIVRO IV

A ideia central aqui é a Construção e reconstrução de uma comunidade, com os seguintes subtemas: Psicodrama, Sociodrama e treinamento da espontaneidade; Teoria da espontaneidade da aprendizagem; A operação; Métodos de aprendizagem; O veículo – o palco da espontaneidade *versus* o divã psicanalítico; A autonomia do aprendiz; A catarse de integração e o objetivo da aprendizagem.

O interesse de Moreno neste capítulo é mostrar que os benefícios de um processo de aprendizagem (que pode tanto fazer parte de experiências psicoterápicas quanto socioeducacionais) baseado na teoria e prática da espontaneidade, quando se pretende a inserção, reinserção e tratamento de indivíduos à realidade social, podem ser muito mais vantajosos que os métodos tradicionais calcados na aprendizagem de conteúdos, favorecendo o desenvolvimento de um perfil mais espontâneo e flexível da personalidade.

A concepção moreniana preconiza que a aprendizagem através da ação espontânea, por meio de jogos dramáticos, de papéis etc., permitem ao indivíduo errar e tentar de novo, em um campo relaxado, livre das pressões da realidade social.

A cada nova tentativa, a aprendizagem pela espontaneidade percorre um caminho no sistema nervoso completamente diferente (a aprendizagem ocorre neste método, pelos níveis intelectual, emocional, corporal e relacional, abrindo caminho para o desenvolvimento das inteligências múltiplas e da catarse de integração – interligando todos os tipos de

aprendizagem - , da aprendizagem pela aquisição de conteúdos somente, gerando ao indivíduo uma gama maior de alternativas de respostas novas (de escolhas) e compromissadas com a realidade social vivida, sempre que se faça necessário.

A questão-chave colocada por Moreno é “... *Como fazer o indivíduo começar a participar de um método de aprendizagem que tem a espontaneidade como seu ponto nodal?*” Tal fato se torna possível pelo procedimento de aquecimento, que tem a finalidade de proporcionar um iniciador (desconservando a mente do aprendiz); sendo que, após a fase de aquecimento dada por um instrutor, o restante da produção continua sendo uma produção do sujeito e dos coatores, pois o psicodrama e o sociodrama são instrumentos a favor da aprendizagem via espontaneidade que desencadeiam altos níveis de autonomia nos indivíduos.

LIVRO V

Os temas centrais aqui são: A evolução espontânea da sociedade e Planejamento experimental de uma nova comunidade, em que a reflexão de Moreno mostra que, no período inicial de constituição de uma comunidade, há igualdades e desigualdades rudimentares, que se desenvolvem como expressões naturais de diferenças individuais e grupais.

Com o passar do tempo, durante a evolução social, são criadas instituições, para manutenção da comunidade, que transformam seu caráter pioneiro de criação – da comunidade – em formas mais conservadoras que incentivam a relação homem-máquina, na qual a espontaneidade não é requerida, gerando desigualdades que em nada têm a ver com a expressão natural das diferenças individuais orgânicas, físicas ou mentais que concorreram para a fase pioneira de criação da comunidade. Formase uma civilização da conserva, em que a categoria de momento (*o hic et nunc*, ou aqui e agora), a incerteza e o inesperado deixam de ser condições essenciais para o desenvolvimento e criação (bem como recriação) de uma comunidade.

Assim, a intenção de Moreno é que, ao buscar harmonizar as capacidades instintivas de trabalho com o trabalho mecânico, a inter-relação homem-máquina, atual fonte de conflito e desintegração, poderia ajustar-se. Segundo suas ideias, o teste de espontaneidade é um método de trabalho que tem como objetivo esse ajuste, ou integração desse movimento circular constante entre espontaneidade e conserva.

Na parte referente ao Planejamento experimental de uma nova comunidade, Moreno destaca os preparativos necessários para que os sujeitos do experimento de uma nova comunidade possam ser aquecidos para a tarefa por um processo de integração socioemocional. Aqui, os integrantes da nova comunidade são incentivados a desempenhar um papel ativo no processo. O projeto é examinado e considerado estritamente sob o ponto de vista da população que constituirá a nova comunidade, com seu foco de interesse voltado inteiramente para o momento presente e não para motivações advindas de situações passadas.

Um aspecto fundamental a ser considerado na produção desse pro-

cesso - socioemocional – é o problema da estrutura da tele, buscando a vinculação de líderes e a população em si, o que garante a estabilidade e coesão grupais implicando em um líder sociodramático, sempre articulado com o grupo.

LIVRO VI

As partes deste livro são assim denominadas: A revolução criadora, A zoomática e o futuro do mundo humano, O subpovoamento do Universo, A zoomática e a cibernética e o Planejamento natural e o planejamento científico, cujos temas centrais tratam das diferenças da vida humana em um ambiente natural, onde a função de criador é o critério supremo, *versus* um ambiente industrializado, onde a liberdade e as funções criativas ficam restritas e as conseqüentes implicações disso para a continuidade e evolução da humanidade; e, basicamente, “Quem sobreviverá?” a tudo isso!

Moreno reflete sobre a eugenia (ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e ao melhoramento da raça humana) e à tecnologia (que pode ser capaz de aumentar o conforto da humanidade). Em seu modo de ver, nenhuma das duas concepções é capaz de decidir que tipo de Homem pode e deve sobreviver; que a sobrevivência tem maiores condições de favorecer a todos os seres humanos a partir da formação de uma personalidade flexível e espontânea, a sobrevivência do criador!

A proposta moreniana para o futuro da humanidade estaria na sociometria e na revolução criadora, de modo que a formação e o desenvolvimento do ser espontâneo e criativo seriam o equilíbrio entre o ambiente natural e o industrializado, onde sempre seria possível a criação, recriação; enfim, tudo permanentemente passível de ser reformulado; segundo as necessidades presentes e prementes. Em seu ponto de vista, quanto mais os procedimentos sociométricos são tomados como bons indicadores de mudanças sociais e corporais, e quanto mais são considerados como um índice, não somente das necessidades do indivíduo, mas também da espécie, maior é a tendência de se esperar que o fator escolha e vinculação espontâneas seja uma expressão inerente a todo o organismo; assim, deve haver uma relação definida entre o efeito tele e o efeito genético (o reflexo de um gene sobre outro e sobre as características do indivíduo).

Caso contrário, o destino do Homem estaria fadado ao desaparecimento, devido à redução do poder de seu organismo, diante das ameaças advindas da relação do Homem com o Homem e da relação do Homem com determinados produtos peculiares de sua mente, os quais, quando separados dele, podem funcionar de modo independente (no caso, os robôs).

No tópico que aborda a zoomática e a cibernética, Moreno tece um paralelo crítico entre o ponto de vista do sociometrista em contraste com o ponto de vista do engenheiro mecânico, quando diz que o primeiro chama de cadeias de aquecimento os processos de comunicação entre os atores, e o segundo, denomina o(s) processo(s) de comunicação dentro de mecanismos automáticos de cadeias de retroalimentação.

No que tange ao subpovoamento do universo, Moreno discorre sobre a ideia – passível de muita discussão – de uma alternativa para o controle da natalidade, de modo que todos nasçam e que compartilhem com eles aquilo que tivermos de ter; e se for o caso, reduzamos a duração da vida das populações existentes, de modo que se permita o nascimento de todos os seres que forem concebidos. Sua proposta aqui é denominada de sociogenia, para estudar e preparar as condições do universo, a fim de que todos possam viver e que ninguém seja impedido de nascer.

Como última parte do livro *Quem sobreviverá?*, Moreno lança hipóteses gerais e sugestões para futuras pesquisas, as quais recomendo ao (à) leitor(a) que as leiam, devido à importância de cada uma. São dez (10) hipóteses sobre o Livro I, trinta e cinco (35) hipóteses sobre o Livro II, cinquenta e uma (51) hipóteses sobre o Livro III, e onze (11) hipóteses sobre o Livro IV.

Estão incluídos ainda, nesta parte final, a nota de agradecimentos de Moreno às pessoas que o ajudaram na consecução da obra em questão, com uma especial deferência à Zerka Moreno, e o Glossário, contendo a seleção de termos sociométricos, os quais são fundamentais para uma compreensão do pensamento moreniano à luz da atualidade.

Finalizando, compreendi que cada obra de Moreno editada, reeditada, traduzida, estudada e reestudada por Moreno inicialmente, depois por tantos colegas psicodramatistas, sempre nos faz descobrir algo novo; é bem possível que este seja também mais um dos tantos legados de Moreno deixados para seus pósteros: a cada nova leitura ou releitura de suas obras, uma nova pérola continuamente se descortina.

Endereço:
Rua Manoel de Paiva, 249
Vila Mariana, São Paulo - SP
Tel: (11) 5575-7015 / 9138-5059
e-mail: altrusso@gmail.com